

UM CURIOSO ÀS VOLTAS COM UMA CURIOSIDADE HISTÓRICA¹

Denise Bottmann*
Tradutora

Resumo: Este artigo versa sobre um turvo episódio da história da tradução do Brasil, referente às vicissitudes de *Crime e Castigo*, de Dostoiévski, na primeira metade do século XX, até o lançamento da tradução de Rosário Fusco em 1949. Seu método expositivo em tominformal, discorren-

¹ Inúmeras contribuições foram se acumulando por vários anos, sem estar a cada vez diretamente relacionadas ao tema deste artigo, o qual, porém, não existiria sem elas. A Ivo Barroso devo a cópia de uma longa entrevista de Elias Davidovich; a Marcelo Jacques de Moraes, a matéria sobre Araújo Ribeiro; a Gutemberg de Medeiros e a DainisKarepovs, materiais sobre Georges Selzoff; a Dennys-Silva-Reis, a indicação das memórias de Leôncio Basbaum; a Alfredo Monte, o destaque à importância literária da tradução de Rosário Fusco; a Sérgio Karam, o ensejo de retomar o caso de “Gilberto Miranda”; a Bruno Barretto Gomide, a remissão aos artigos de 1945 sobre Castilho, os anos de feitura da tradução de Fusco, além de diversas conversas instigantes sobre Dostoiévski no Brasil; a Sarah Rebecca Kersley, uma fabulíssimo suporte técnico-linguístico; a Saulo von Randow Jr., parceiro de curiosidades de nosso curioso P., o grande toque para o deslinde da coisa; e sobretudo a Federico Carotti, o acompanhamento constante desse trabalho. A Federico, Saulo, Sarah, Bruno e Sérgio, agradeço também a paciente leitura e valiosos comentários. E a muitos colegas, amigos e leitores devo a percepção de que poderia ser interessante não tanto a exposição formal dos resultados de uma pesquisa, mas alguns mecanismos mentais – dúvidas, hipóteses, raciocínios informais – de um pesquisador.

* Fez graduação em História na UFPR e mestrado em Teoria da História na UNICAMP. Foi docente do Departamento de Filosofia da UNICAMP, na área de Epistemologia das Ciências Humanas, entre 1983 e 1996. Dedicou-se à atividade de tradução desde 1984 e desde 2008 tem se dedicado a estudos da história da tradução no Brasil. Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: dbottmann@gmail.com



do sobre dúvidas, hipóteses, raciocínios e procedimentos do personagem pesquisador até chegar a suas conclusões, pretende mostrar didaticamente algumas facetas internas e processos mentais que acompanham o trabalho de elaboração historiográfica.

Palavras-chave: História da tradução no Brasil. Dostoiévski. *Crime e castigo*. Contrafações.

A CURIOUS FELLOW GRAPPLES WITH A HISTORICAL CURIOSITY

Abstract: This article addresses a cloudy episode in the history of translation in Brazil, regarding the vicissitudes of Dostoyevsky's *Crime and Punishment* in the first half of the twentieth century, up to the publication of Rosário Fusco's translation in 1949. The expository nature of the article, written in an informal register, covers the doubts, hypotheses, and reasoning of the researcher character before he reaches his conclusions, aiming to demonstrate in a didactic manner some of the internal facets and thought processes involved in a historiographical study.

Keywords: History of translation in Brazil. Dostoyevsky. *Crime and Punishment*. Counterfeits.

1. A abundância de crimes e castigos brasileiros

Num insopitável impulso de esgaravatar miudezas, um pesquisador curioso – que aqui chamaremos de P. – resolve deter-se num ínfimo, minúsculo fragmento da história da literatura traduzida no Brasil. Sua escolha recai sobre o incerto percurso de Dostoiévski com seu *Crime e castigo* nas plagas nacionais, até o lançamento da tradução de Rosário Fusco, em 1949, pela Livraria José Olympio Editores.

Ao consultar a introdução que Brito Broca escreveu para essa edição da José Olympio, P. encontra ali a informação de que Fernão Neves teria sido o primeiro a traduzir *Crime e castigo* no Brasil:

A primeira tradução portuguesa do *Crime e Castigo* apareceu no Brasil por volta de 1920, assinada por Fernão Neves, em estilo meio precioso editada pela Livraria Cas-

tilho. Tudo nos leva a supor que o tradutor se tivesse valido de uma das versões francesas, que, segundo o conselho do próprio Vogüé, procuravam adaptar Dostoievski ao gosto do público gaulês. Em todo caso esse já foi um esforço louvável para vulgarizar o grande romancista entre nós. (BROCA, 1949, p. 15)

Mesmo que Broca não esclareça, P. por acaso sabe que Fernão Neves era pseudônimo de Fernando Nery, advogado, escritor, tradutor e, mais tarde, secretário executivo da Academia Brasileira de Letras. “Que ótimo!”, pensa ele. “Temos então essa referência como marco inicial.”

A seguir, descobre que o jornal carioca *A Manhã* havia serializado entre dezembro de 1925 e outubro de 1926 outra tradução de *Crime e castigo*, esta feita por um certo Câmara Lima. Vá lá que não é em livro, mas tudo bem.

P. prossegue em suas pesquisas e vê que entre “por volta de 1920”, com Fernão Neves, e 1949, com Rosário Fusco, os leitores brasileiros tiveram acesso a várias outras traduções de *Crime e castigo*. “Quanta coisa!”, exclama um pouco atordoado com aquela sucessão quase a galope, ainda mais levando em conta que a obra não é propriamente um livrinho de cento e cinquenta ou duzentas páginas, e demanda um tempo razoável para ler, traduzir, revisar, diagramar, imprimir, encadernar e finalmente lançar na praça.

Depois de correr atrás dessas outras edições, nosso curioso arrola todas as traduções de *Crime e castigo* lançadas no Brasil que conseguiu localizar, até a *epochalone* de Rosário Fusco, que adotara como marco final. Feliz com o andamento de sua tarefa, dando graças aos Céus pela sorte de existir a datação inicial de c. 1920, citada por Brito Broca, ele pode agora acrescentar um belo recheio nesse intervalo.

Já registrada a tradução de Câmara Lima, serializada em 1925-6, P. adiciona essas outras edições:

Em 1930, uma “tradução integral do original russo” por Ivan Petrovitch, publicada pela Editora Americana, do Rio de Janeiro, em sua *Collecção de Obras Celebres*.

Em 1936, uma “tradução de Aurelio Pinheiro, autorizada pela Editora ‘Irmãos Pongetti’”, serializada no jornal *Gazeta de Notícias* a partir de 22 de março. Isso no primeiro dia. Nos dias subsequentes, a chamada diz “tradução revista por Aurelio Pinheiro, e autorizada para a Editora ‘Irmãos Pongetti’”.

Ainda em 1936, no mês de junho, a Irmãos Pongetti lança em livro a tradução publicada na *Gazeta*. A página de rosto informa que é “tradução integral do texto russo de J. Jobinsky revista por Aurelio Pinheiro” (foi reeditada em 1939).

E, como maná quando vem não é de pouquinho, também em 1936 sai outro *Crime e castigo*, pela Editora Guanabara, em tradução revista por Elias Davidovich, sem nome do tradutor.

P. fica achando que a fartura desse ano de 1936 deve ter alguma relação com a enorme propaganda e sucesso do filme *Crime e castigo*, de Josef von Sternberg, com Peter Lorre no papel de Ras-kolnikov, que tinha sido lançado nos Estados Unidos em novembro de 1935 e estreou no Brasil em abril de 1936 em meio a extensa e maciça divulgação.



Gazeta de Notícias, 10 de abril de 1936. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Dois anos depois de sua reedição, a Pongetti, em 1941, resolve regalar seus leitores com mais um *Crime e castigo*, ainda na “tradução integral do texto russo de J. Jobinsky”, mas agora “revista por Marques Rebello”.

No mesmo ano de 1941, sai uma tradução anônima pel'O Livro de Bolso, em dois volumes, reeditada em 1943.

Em 1944, a Pongetti lança mais uma edição de *Crime e castigo*, agora em sua coleção “As 100 Obras-Primas da Literatura Universal”, sem créditos de tradução, constando apenas “tradução revista por Marques Rebêlo”.

Essa tradução revista, embora anônima, parece ter agradado especialmente aos leitores, pois segue reeditada em 1946 e 1949.

Então, em 1949, chega-se a Rosário Fusco, e o pesquisador curioso dá por encerrada a fase inicial de sua pesquisa, no que se refere a encontrar referências, localizar edições e situar seus dados.

Resumindo, conclui ele, o primeiro *Crime e castigo* no Brasil sai por volta de 1920; tem-se a serialização na imprensa em 1925-26; sai uma tradução direta do russo em 1930; em 1936 vêm mais duas traduções (uma delas também direta do russo e também serializada na imprensa); em 1941, outras duas; em 1944, outra, e por fim a de Fusco em 1949: nove em cerca de trinta anos, algumas delas com variável número de reedições.

“Um verdadeiro recorde! ”, admira-se nosso amigo, encantado também com uma cerejinha no bolo: a capa da edição em brochura da Americana, feita por um tal Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo, vulgo Di Cavalcanti.



Americana, 1930. Fonte: periódicos especializados

2. Nomes de verdade, nomes de mentira

Mas, se P. se entusiasma fácil, não quer dizer que seja totalmente crédulo. E aí começa sua segunda tarefa: deter-se sobre os dados. Põe-se a cismar: “Ivan Petrovitch? Puxa, que coincidência, nome de pelo menos uns dois personagens de Dostoiévski e, ainda por cima, pseudônimo de um galã de cinema superfamoso nos anos 1920 e 1930, com um verdadeiro fã-clube aqui na nossa terrinha. Muito comum mesmo, esse nome”.

Depois de revirar meio mundo, P. fica com a impressão de que o Ivan Petrovitch da Americana desceu à terra, traduziu *Crime e castigo* e voltou ao éter, tudo isso num piscar de olhos.

Mas aí P. se lembra de outro livro, também de Dostoiévski, que a mesma Americana viria a lançar no ano seguinte, em 1931: *Os irmãos Karamazov*, com tradução de Raul Rizinsky. “Bom sortimento de tradutores de sobrenome russo, tinha essa Americana...”, pensa ele.

E nosso curioso sabe que esse “Raul Rizinsky” foi o pseudônimo que a editora inventou para Leôncio Basbaum, depois de lhe dar a incumbência de traduzir a obra, não sem antes arrancar do volume umas cinquenta páginas de seu miolo central.

Então lhe ocorre: “Taí, deve ser essa a explicação para aquele ‘Ivan Petrovitch’ meio implausível – a Americana arranjou um nome que parecesse bem russo, para ficar mais bonito e atrair o leitor”. E prossegue com suas reflexões: “Bom, se ela inventou o tal Rizinsky dos *Irmãos* de 1931 para o Leôncio Basbaum, vai que já tivesse feito isso antes, em 1930. Aí, nesse caso, quem estaria por trás do Petrovitch do *Crime*?”.

Mas P. sabe também, por outro lado, que, em certa altura de 1931, a Editora Americana transferiu sua Collecção de Obras Cebres para outra editora, a Guanabara (Waissman Koogan Ltda.), que deu andamento à coleção – inclusive, pelo menos no começo, à programação visual de capa iniciada por Di Cavalcanti.

Aí, pensa o curioso: “Como a Guanabara absorveu a Collecção da Americana e depois republicou alguns títulos lançados por

ela” – como *Ressurreição* de Tolstói na tradução de Carlos Cintra (Americana, 1931; Guanabara, 1935) –, “então é bem possível que esse *Crime e castigo* de 1936, em ‘tradução revista por Elias Davidovich’, seja aquela mesma tradução de 1930 da Americana”. E aí vem a dúvida: “Mas por que retirar o nome de Petrovitch? ”.

E o caderninho mental do curioso vai se enchendo de perguntas e hipóteses.

Por outro lado ainda, P. também sabe – como é sabido, esse P.! – que a Pongetti, principalmente nos anos 1940, viria a mostrar verdadeira mania de garfar traduções alheias, com especial gosto pelas da Guanabara. Isso ocorreu com espantosa frequência em sua coleção chamada “As 100 Obras-Primas da Literatura Universal”, cuja coordenação estava a cargo de Marques Rebelo. A tradução utilizada saía anônima, porém fazendo constar na capa, em destaque, que era “revista por Marques Rebello” (após a reforma ortográfica, grafado como “Rebêlo”). A coisa chegou a tal ponto que houve um caso bastante rumoroso na época, quando um dos tradutores espoliados, o escritor Araújo Ribeiro, denunciou a falcatura na imprensa.



Diário da Noite, 4 de agosto de 1943. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Outra vítima das estripulias da Pongetti/Rebello foi Elias Davidovich (o mesmo do *Crime e castigo* revisto lançado pela Guanabara), que, depois de infrutíferas reclamações junto à Pongetti, decidiu acioná-la judicialmente pelas contrafações “revistas por Marques Rebêlo” – e ganhou a causa!

Sabendo dessas coisas, P. anota mais uma hipótese em seu caderninho: “E se então aquela tradução *revista* por Elias Davidovich, Guanabara, 1936, tivesse sido garfada em 1944 pela Pongetti, que já andava fazendo isso mesmo?”. Mas aí por que a Pongetti teria deixado sua própria tradução de J. Jobinsky revista por Aurélio Pinheiro e depois por Marques Rebello, para garfar outra, agora apenas revista por ele?

Bom, se era para atropelar alguém, Aurélio Pinheiro já tinha morrido mesmo, em novembro de 1938, e não poderia mais levantar objeções contra a substituição de seu nome pelo de Marques Rebello na edição de 1941. De todo modo, Jobinsky permaneceu, creditado pela tradução integral direto do russo, ao lado de seu novo revisor.

“Como é isso? ”, pergunta-se o curioso. “A Pongetti lança na *Gazeta* uma tradução apenas revista, depois publica o livro com crédito de tradução e revisão, e aí relança com crédito de tradução, mas com outra revisão? E tudo isso em cinco anos? ” (E isso sem contar que, em 1944, Jobinsky some totalmente de cena, como P. constata em sua listinha, mas deixa o tema para depois.)

E se houve aquela relação comercial entre a Americana e a Guanabara, a primeira repassando à segunda seu catálogo de literatura traduzida; se Davidovich é que indicara Basbaum (o Rizinsky dos *Irmãos Karamazov*) para a Americana, se Davidovich era tradutor bastante constante da Guanabara, e depois parecia ter-se criado uma espécie de tácita convivência entre Guanabara e Pongetti, a qual lhe roubava as traduções sob suas barbas e a Guanabara não reagia – como é isso?

Aí, um dia, folheando o *Crime e castigo* de 1930 (na tradução do tal “Petrovitch”), P. encontra lá, em letrinhas miúdas, no verso da página de rosto: “Empresa Graphica Editora Paulo, Pongetti & Cia.”. Surpreso, P. faz suas diligências pesquisatórias e descobre

que este Pongetti era Henrique, escritor e autor teatral que depois se tornou bastante famoso. Foram seus outros dois irmãos, Rodolfo e Ruggero, que vieram a criar em 1932 as Oficinas Graphics dos Irmãos Pongetti, a qual se tornou também editora no final de 1933, firmando-se como tal a partir de 1934, como Irmãos Pongetti Editores.

E aqui P. começa a especular: “Será que quando a Americana, usuária dos serviços gráficos de um dos Pongetti, transferiu seu catálogo literário para a Guanabara, houve aí talvez alguma intermediação pongettiana?”. Pois, com ou sem Peter Lorre, nosso curioso acha muita coincidência que, passados seis anos desde o lançamento da tradução de Petrovitch pela Americana, justamente as duas editoras que tinham, direta ou indiretamente, algum tipo de ligação com ela publiquem *Crime e castigo* quase ao mesmo tempo. E uma que está com a obra parada em seu catálogo desde 1931, e a outra que é recém-chegada na praça.

Mais perguntas para o caderninho. E P. continua encafifado com duas coisas: por que o tradutor Petrovitch sumiu quando *Crime e castigo* saiu da Americana e passou para a Guanabara? Quem é J. Jobinsky na Pongetti, e por que os créditos vêm a ele, mas também a Aurélio Pinheiro?

3. Bingo!

Nesse meio tempo, uma velha estranheza que o curioso abandonara em seu escaninho mental volta à baila: uma edição de *Crime e castigo* pela editora Martin Claret, notória por suas práticas pouco ortodoxas no que tange às traduções que publica. Esse seu *Crime e castigo* vinha apresentado em tradução de... ora, quem... Ivan Petrovitch, agora acompanhado de uma “Irina Wisnik Ribeiro”.

Lançado em 2002, o volume petro-wisnikiano teve várias edições até 2013, anos muito distantes dos marcos temporais que o curioso se colocou: c.1920 e 1949. Seria tema, no máximo, de mais uma crônica de *fait-divers* sobre as heterodoxias um tanto suspeitas da referida Claret. Mas essa estranheza volta à baila gra-

ças a um parceiro de curiosidades, que indica a nosso P. o grande elemento decisivo: “Ei, colega, dá uma espiada aí, pois a tradução na Claret está igualzinha à do Câmara Lima”.

Assim alertado, em questão de segundos nosso curioso vai correndo comparar Câmara Lima no jornal *A Manhã* não só com a dupla Petrovitch-Wisnik da Martin Claret, mas especialmente com o “Ivan Petrovitch” da Americana.

Exclamar “Bingo!” foi pouco. Pois agora P. pode concluir de maneira definitiva e irrefutável: *Crime e castigo* de Dostoiévski, publicado pela Editora Americana em 1930 como “tradução integral do original russo por Ivan Petrovitch”, era cópia fiel, integral e cabal da tradução do referido Câmara Lima.

“Ora, ora, Ivan Petrovitch, que pseudônimo que nada. E eu achando que talvez pudesse ser algo como um Rizinsky-Basbaum... Mas é mera casca vazia, sem ninguém por trás.”

E Câmara Lima, quem era? Vai lá nosso P. se informar: tratava-se de Teotônio Simão da Câmara Lima, jornalista e tradutor português nascido nos Açores em 1868 e falecido em Lisboa em 1928. Sua tradução de *Crime e castigo* saiu em 1901, publicada pela editora Tavares Cardoso & Irmão, de Lisboa.

Já em novembro de 1901, a carioca Livraria Francisco Alves importa e põe à venda no Brasil a tradução de Câmara Lima, inclusive divulgando-a na imprensa, como nosso diligente P. pôde aferir em jornais da época.

4. Mas aí...

... se já existia uma tradução de Fernão Neves “por volta de 1920”, por que *A Manhã* iria serializar dali a poucos anos uma tradução portuguesa do começo do século?

Serialização de romance em jornal costumava se dar *antes* do lançamento da obra em livro, fosse original ou em tradução. O máximo que acontecia às vezes, e muito raramente, era serializar uma tradução brasileira recém-saída ou em vistas de sair, como forma

de dar publicidade ao lançamento, como viria a ocorrer em 1936 na *Gazeta de Notícias*, divulgando a edição da Irmãos Pongetti.

Então por que *A Manhã* faria isso? Para concorrer contra uma editora carioca, a respeitada Livraria Castilho (aliás, anunciante do próprio jornal), e sua recente tradução brasileira feita por um nome bastante conhecido nas rodas jurídicas e literárias da época?

E se já existia uma tradução de Fernão Neves “por volta de 1920”, por que a Americana afirmaria, em seu anúncio de 1930 na imprensa, que o lançamento “vem preencher uma falha grave nas nossas estantes”?

ACABA DE APARECER
DOSTOIEWSKY
CRIME E CASTIGO

Um livro ansiosamente esperado e que vem preencher uma falha grave nas nossas estantes. **CRIME E CASTIGO** é considerado o livro mais celebre da literatura universal. É um romance traduzido em todos os idiomas e que é lido sempre com intensa vibração. São paginas magistraes, onde o autor, o maior romancista de todos os tempos, gravou um aspecto lapidar da angustia humana. Sequencia de scenas impressionantes que arrastam a sensibilidade do leitor, forçando-o a vover com o protagonista o enredo do maior romance até hoje escripto em todo o mundo.

Tradução integral do original russo por
IVAN PETROVITCH
Um grande volume de 600 paginas
Brochado, 8\$000 — Encadernado 10\$000
A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E NA
EDITORA AMERICANA
Rua Buenos Aires, 186, sob. Teleph. 4-0905 (4777)

O Correio da Manhã, 29 de outubro de 1930. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O curioso acha bizarra a ocorrência e se lança à busca de alguma explicação plausível. Por fim consegue reunir os fios dispersos.

É que não havia nenhuma outra tradução, a não ser a de Câmara Lima!

5. Confusões

Mas e a afirmação de Brito Broca, quase trinta anos depois, como fica?

Fica que sim, Fernão Neves havia mesmo feito “um esforço louvável para vulgarizar o grande romancista entre nós”.

E sim, a partir do francês.

E sim, pela Livraria Castilho.

E sim, “por volta de 1920”.

E sim, usava um português “meio precioso”, com rebuscamentos nem sempre apreciados por algum de seus resenhistas.

Tudo isso é corretíssimo.

Só que tudo isso se passou não com *Crime e castigo*, mas com *Recordações da casa dos mortos*, em sua primeira tradução brasileira, lançada em 1917.

E aí se atropelam as perguntas na cabeça de P. Mas afinal Brito Broca chegou a ler essa tradução do *Crime* que ele cita? Chegou ao menos a ver o volume impresso?

No parágrafo seguinte de sua introdução à tradução de Rosário Fusco, diz ele:

Depois de 1930 surgiu uma verdadeira febre de eslavismo no Brasil; passou-se a traduzir tudo quanto era russo, e Dostoievski foi um dos mais sacrificados nessa preamar de traduções mutiladas, numa língua tão má que tornava até incompreensíveis certos trechos das obras. Lembramo-nos de ter visto uma edição brasileira do *Crime e Castigo* nessas condições. (BROCA, 1949, p. 15)

Como assim, “ter visto uma edição brasileira”? Visto, apenas? E uma, somente? E que traduções mutiladas, que língua tão má, quem, como, onde, quando, por quê? E, se nem de *Crime e castigo* ele estava muito ao par, como é que sabia? Por ter lido no jornal? Por ter ouvido comentários de amigos? E a coisa parece tanto mais

extravagante a nosso curioso, pois P. sabe que o próprio Broca contribuíra ativamente para essa “febre de eslavismo”, tendo sido parceiro de Georges Selzoff na tradução de *Águas da primavera*, de Turguêniev, em 1932, na Bibliotheca de Auctores Russos da Edição Cultura. (Na verdade, P. desconfia que mesmo *O primeiro amor*, que a José Olympio publicou em tradução de Brito Broca nesse mesmo ano de seu prefácio, também era fruto de sua velha parceria com Selzoff, mas ele resolve se concentrar e deixar isso de lado, pois não vem muito ao caso).

Independentemente da contribuição broquiana ao surto russófilo, o tom vago, genérico, porém tão taxativo do crítico desconcerta nosso curioso, pois afinal ele não apresenta nenhuma indicação concreta, nada, a não ser uma lembrança “de ter visto” algo assim.

Pois a grande dificuldade que P. agora enfrenta é conseguir encontrar qualquer referência, qualquer menção, qualquer dado que seja sobre aquela “primeira tradução portuguesa do *Crime e Castigo* [que] apareceu no Brasil por volta de 1920, assinada por Fernão Neves, em estilo meio precioso, editada pela Livraria Castilho”.

Nosso P. já havia excluído de partida a hipótese de que Brito Broca tivesse usado o adjetivo “portuguesa” no sentido de “lusitana”, pois aí sim nada mais faria sentido e mais valeria passar um X bem grande, em vermelho, em todo esse parágrafo do crítico. Pois tradução portuguesa já aparecera no Brasil, sim, desde o começo do século, importada e distribuída pela Livraria Alves. A única hipótese razoável é entender o “portuguesa” de Broca nem sequer como “em português”, mas exclusivamente como “brasileira”.

Em suas perambulações, nosso P. encontrou, de fato, abundante material sobre as diversas traduções de vários autores feitas por Fernão Neves, em particular as *Recordações*, encontrou feroz crítica a seu estilo preciosista, encontrou ampla cobertura sobre as publicações da Livraria Castilho, suas edições e reedições nos anos 1920... Mas sobre um *Crime e castigo* seu? Quanto à existência física concreta do livro em alguma biblioteca, em algum sebo, em algum acervo público ou privado, em catálogos nacionais e internacionais, P. esgota todas as possibilidades. Não se encontra em lu-

gar algum. E não se encontra nem mesmo qualquer ligeira menção. Mesmo percorrendo e repercorrendo algumas vezes os milhares e milhares de páginas digitalizadas da imprensa brasileira nos anos 1910 e dos 1920 (respeitando aquele broquiano “por volta de”), não encontra sequer a mais remota alusão, nada, absolutamente nada sobre Dostoiévski e esse seu *Crime* em português, a não ser, justamente, a tradução lusitana de Câmara Lima serializada pelo jornal *A Manhã* em 1925-26.

Seria muito atrevimento de P. pôr em dúvida a afirmação de Brito Broca. Por outro lado, sua prudência o impede de aceitar sem pestanejar uma afirmação que não oferece um único elemento material, para a qual ele não encontra corroboração em lugar nenhum. Como aceitar algo só porque alguém disse? E aqui a afirmação de Brito Broca, solta no ar, parece se desfazer entre os dedos, sem consistência nem como indicação remotamente confiável de qualquer coisa real. “Se até mesmo da ‘preamar’ mais recente sua lembrança é tão vaga”, reflete P., “sabe-se lá, a essas alturas, se a memória não o terá traído, embaralhando lembranças mais distantes”.

Mas, na verdade, por indicação de outro colega de curiosidades, P. se debruça sobre duas matérias no *Jornal do Brasil*, já de 1945, em comemoração aos cinquenta anos de atividade livreira de Antônio Castilho.

Nosso curioso sabe que a Livraria Castilho, nos anos 1920, enfrentou sérias dificuldades, limitando bastante seu catálogo, reeditando vários títulos publicados na década anterior e vindo a encerrar suas atividades em 1931. Desde então, Castilho passara a trabalhar como funcionário do Instituto Nacional do Livro (INL). Agora, em 1945, vários escritores e intelectuais estavam pleiteando junto ao governo Vargas a concessão de uma aposentadoria funcional ao sexagenário livreiro, para isso destacando seu papel como editor.

Uma dessas matérias, “O Castilho”, reproduzia as efusivas palavras do escritor Gondim da Fonseca transmitidas por uma emissora de rádio, que comentava a certa altura: “Da sua pequena loja da rua de São José, Castilho lançou excelentes traduções de Dostoiévski”, depois mudando de assunto. Esse plural, embora sem

maiores detalhes, intriga nosso P. Mais adiante, no mesmo discurso de Gondim, uma breve passagem o deixa um pouco perplexo: “E os romances ingênuos para leitura de moças? Castilho inventou os nomes de Delly e Ardel, que antes dele não existiam em nossa língua, popularizando-os a quatro cruzeiros o volume”. “Inventou?”, pergunta-se P. “Como assim, inventou? Em que sentido?”

Seguindo adiante, nosso curioso consulta outra indicação de seu colega. Na edição de 12 de agosto do *Jornal do Brasil*, encontra um artigo do historiador e pedagogo Ari da Mata, com o título “Castilho, o veterano”. O artigo, bem mais sóbrio e detalhado do que o discurso de Gondim da Fonseca, apresenta os principais destaques do catálogo de sua antiga livraria e informa que a casa “contribuiu para a divulgação da literatura russa editando as *Recordações da casa dos mortos*, de Dostoiewsky”.

Entre aquelas “excelentes traduções” citadas *al volo* e essa cuidadosa especificação de Da Mata, P. opta pelo seguro, já calçado pelos nulos resultados de suas pesquisas nos anos 10 e 20: quanto a russos, a Castilho publicou comprovadamente a tradução, excelente ou não, de *Recordações*. Só isso é possível afirmar com certeza.

Saindo da leitura dessas matérias de 1945 e retomando a introdução de Broca de 1949, P. pondera que ninguém é obrigado a ler tudo o que sai em todos os jornais para refrescar constantemente a própria memória e prefere creditar o *Crime e castigo* invocado por Broca a um simples lapso mesmo.

6. O castelo de cartas

E a bela listagem, tão organizadinha, tão “referenciada”, que conseguira montar com as nove traduções de *Crime e castigo* no Brasil entre c.1920 e 1949 não para de se esfacelar. A de 1925-6 cai fora por ser lusitana; a de 1930, idem, mas por ser mera cópia da lusitana; mesmo a baliza inicial adotada – o broquiano “por volta de” – cambaleia e não pode ser mantida, nem mesmo a título provisório, senão por mera prodigalidade. Resta ainda um razoável

entremeio: a anônima “revista por Elias Davidovich” (Guanabara), a de “J. Jobinsky revista por Aurelio Pinheiro” (Pongetti), a de “J. Jobinsky revista por Marques Rebello” (idem), a anônima “revista por Marques Rebêlo”(idem) e a totalmente anônima (O Livro de Bolso, às vezes referenciado como *Cruzeiro do Sul*).

O curioso, que não é tão novato assim em sua curiosidade bibliográfica, sabe que O Livro de Bolso foi uma pequena editora paulista de curta duração criada em 1941 que, por volta de 1942, muda sua razão social para A Bolsa do Livro. Mantém O Livro de Bolso como série e cria um selo chamado *Colête*, prosseguindo em atividade até c. 1945. E sabe também que seus títulos iniciais eram impressos no Estabelecimento Gráfico Cruzeiro do Sul, o qual adquiriu em 1942 ou 1943 alguns títulos d’O Livro de Bolso, vindo a publicá-los diretamente, como no caso de *Novelas extraordinárias*, de Edgar Allan Poe.

Compulsando a edição d’O Livro de Bolso/ Cruzeiro do Sul, P. pode chegar a mais uma constatação fundamental: essa tradução anônima era, afinal, mais uma cópia da tradução de Câmara Lima. Mas trazia algumas pequenas diferenças: “superexcitar os nervos do rapaz” para “irritar mais e mais os nervos já excitados do rapaz”, “o fedor tremendo” para “o cheiro pestilencial”, “fugir para o campo” para “alugar uma casa de campo”. Nosso curioso anota mais uma pergunta em seu caderninho: “E essas alterações, de onde terão saído? Do punho de algum anônimo revisor d’O Livro de Bolso?”.

E assim o entremeio anterior, de cinco edições diferentes de *Crime e castigo*, se enxuga mais um pouco: ficam quatro edições, uma da Guanabara e três da Pongetti.

7. Perna curta

“Jobinsky, Jobinsky...”, volta o nome a martelar a cabeça do curioso, que então retoma uma das perguntas de seu caderninho mental. “Por que cargas d’água a Pongetti deixou de lado a tradução dele em 1944?”

Afinal, J. Jobinsky, ainda que seu *Crime e castigo* tivesse de ser revisto por Aurélio Pinheiro e depois por Rebelo, não devia ser tão ruim assim, pois seis anos mais tarde ele reaparece em três outras traduções lançadas pela IrmãosPongetti. Em 1942, agora com o J. por extenso, Jorge Jobinsky, sai sua tradução *O drama da América Latina [Inside of LatinAmerica]*, de John Gunther.

P. começa a percorrer seu armazém mental de informações. Um dado lateral que lhe parece interessante é que duas outras obras de John Gunther, *Inside of Asia* e *Inside of Europe [O drama da Ásia e O drama da Europa]*, haviam sido lançadas no ano anterior, 1941, pela Globo de Porto Alegre, em tradução de Gilberto Miranda. Ora, nosso sabido P. sabe muito bem que “Gilberto Miranda” não existia: era um ente de ficção, uma “espécie de factótum literário”, como explica Erico Verissimo (2011, p. 50), criada na editora para assinar qualquer coisa que precisasse de um nome. Na prática, eram não só traduções a várias mãos, mas principalmente resenhas, artigos e textos em geral para a *Revista do Globo*, abrangendo a mais ampla gama de assuntos, feitos a toque de caixa por alguma variável equipe interna da editora ou por algum grupo improvisado de colaboradores externos, trabalhos estes que então recebiam a assinatura do versátil “Gilberto Miranda”.

Além disso, John Gunther estivera no Brasil, aqui passando algumas semanas e dando várias entrevistas a diversos órgãos da imprensa nacional. O projeto era publicar seu *Inside of Latin America* em três línguas, inglês, espanhol e português, para um lançamento simultâneo da obra, previsto para setembro de 1941. Apenas a Harper & Brothers lançou o título em 1941, em inglês, evidentemente. O lançamento brasileiro se deu em 1942, na tradução jobinskiana, compreensivelmente adotando o padrão da Globo de traduzir *Inside of* por *O drama da*.

P. coça novamente a cabeça e chega à conclusão de que não se surpreenderia muito se a Pongetti tivesse adotado também o método de tradução de “Gilberto Miranda”, a mais célebre “personalidade de conveniência” da história editorial brasileira.

Depois disso, em 1943 a Pongetti lança mais uma tradução de J. [volta a abreviatura] Jobinsky: *O enigma de Atlântida*, do coronel Alexandre Braghine. O curioso é que, em 1959, a editora lança o que anuncia ser a segunda edição dessa obra, porém agora com os créditos de tradução em nome de Marina Bastian Pinto, que se mantém igualmente na 3^a. edição, em 1963.

Por fim, em 1944, Jobinsky faz sua última aparição como tradutor da casa no volume 18 d'As 100 Obras-Primas da Literatura Universal: *Petróleo!*, de Upton Sinclair. P. nunca deixa de se surpreender com essas coisas: era uma retomada de uma edição da efêmera Minha Livraria, pequena editora de esquerda que desaparece em 1938 durante o auge da repressão varguista. O livro saíra em 1934, em tradução de J. A. de Moraes.

Depois disso, somem todas as referências ao misterioso Jobinsky, hábil tradutor do original russo de *Crime e castigo*. E a Pongetti continua a lançar sucessivas reedições da obra, agora constando, justamente a partir de 1944, apenas “revista por Marques Rebêlo”.

Mas, depois de descoberta a fonte da edição da Americana com seu tal “Petrovitch”, P. decide refrear um pouco seu gosto de ficar passeando por esses meandros tortuosos. Pois lhe basta comparar a “tradução integral do original russo por Ivan Petrovitch” e a “tradução integral do texto russo de J. Jobinsky” para constatar que se trata, mais uma vez, da mesma tradução de Câmara Lima. Com a diferença, porém, de que Aurélio Pinheiro decerto teve de fazer jus aos créditos que recebeu: aqui e ali, nosso curioso nota algumas pífiás substituições de palavrinhas, como “turba-multa” em lugar de “multidão” ou “mania dos solilóquios” em lugar de “mania de falar só”, bem como o acréscimo de uma surpreendente crase em “a vista” e a introdução de um narrador na primeira pessoa do plural em “com que topávamos” para “se encontravam”.

Daí à edição “revista por Marques Rebêlo” é um pulo. Muito fiel, Rebelo preservou grande parte das leves alterações anteriores. Se mesmo assim, por sua vez, quis fazer jus a seus créditos de revisor, foi mudando, por exemplo, “fetidez tremenda” de Pinheiro

– usada em substituição a “cheiro pestilencial” de Câmara Lima – para “fedor tremendo”, “fugir para o campo” em vez de “abalar para o campo” e miudezas do gênero. Por acaso, nosso curioso nota uma gralha tipográfica: “estatura um pouca acima”.

P. saca de seu caderninho de perguntas e tica a questão d’O Livro de Bolso que ali anotara, comentando com seus botões: “Que revisor próprio que nada. O Livro de Bolso usou foi a versão revista por Rebelo, com o ‘pouca’ e tudo”.

8. Lúdico interlúdio

8.1 A família dá cria

Meio *en passant*, num daqueles meandros secundários que lhe parecem tão interessantes, P. se depara com uma inversão de papéis que muito o diverte.

Ainda na mesma coleção da Pongetti a cargo do famífero Rebelo, As 100 Obras-Primas da Literatura Universal, sai em 1943 uma edição de *Os degenerados*, de Górkí, com tradução anônima e... tchantchantchan, claro, “revista por Marques Rebêlo”. Tratava-se da tradução publicada em 1934, pela Companhia Editorial Paulista, com os habituais retoques da mão leve rebeliana.

Ora, em 1951 a Pongetti reedita essa mesmíssima tradução, só que agora “revista por Mario Jobinski”. A referência a um segundo Jobinski é, esta sim, filha única de mãe viúva. Uma boa alma, pouco escolada nas manhas pongettianas, bem que poderia supor que esse Mario talvez fosse irmão de Jorge Jobinski[y]. Mas, tal como Ivan Petrovitch antes dele, Mario Jobinski teve vida curta: nasceu expressa e exclusivamente para rever a tradução revista por Rebelo e finou-se.

E P. até imagina a cena: em 1951, passados sete anos da última aparição de J. Jobinsky na editora, alguém lá da Pongetti diz: “O Rebelo não quer mais o nome dele nesse Górkí. A gente vai precisar de outro nome. Tinha aquele lá, como era mesmo? Aquele

que a gente usava num outro russo, aquele do *Crime e castigo...*” E responde outro: “Trassinski, Rabinski, ah! Jobinski! ”. “Isso, isso. Então vamos pôr aqui também. Lembra o que a gente usou como primeiro nome? ”. “Hmmm, deixa eu pensar. Foi, foi... foi Mario! ” “É isso aí, Mario Jobinski”. E pronto.

8.2 Usurpações e exílios

O castigo que Jobinsky e Pinheiro sofreram pelo crime de usurpação foi, como concluiu nosso curioso, o eterno desterro do país das letras dostoiévskianas. Por outro lado, o destino do *Crime e castigo* “revisto por Marques Rebêlo” não é muito mais glorioso. Depois de seu exílio provavelmente voluntário d’*Os degenerados* em 1951, seu degredo se confirma alguns anos mais tarde, em 1960, quando a Pongetti resolve se sair com um *Crime e castigo* em “tradução revista e cotejada com o original russo por Luiz Cláudio de Castro”.

Diante dessa nova versão, P. começa a achar a coisa meio repetitiva. É mais uma vez a tradução de Câmara Lima, somando-se às outras versões pongettianas que foram proliferando ao longo de 25 anos, agora com ínfimas, microscópicas diferenças (a retirada daquela bizarra crase sem o menor sentido em “a vista”; a eliminação do hífen em “turbamulta”; o eventual acréscimo de uma vírgula) em comparação ao que vinha desde Aurélio Pinheiro e aos retoques de Marques Rebelo e respectivas reedições.

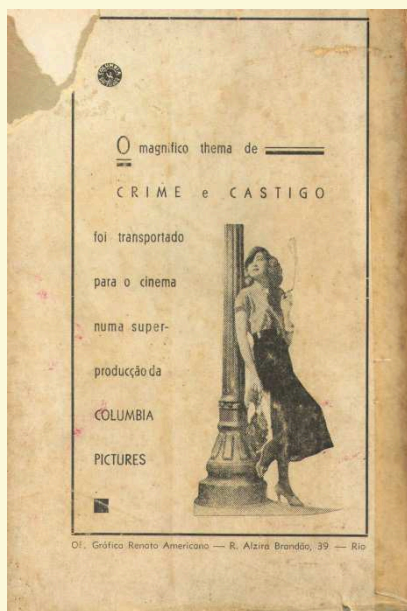
Diga-se de passagem que, com o encerramento da Irmãos Pongetti Editores nos anos 1970, seu catálogo se transfere para a Edições de Ouro (futura Ediouro), que passa então a publicar várias reedições da “tradução revista e cotejada com o original russo por Luiz Cláudio de Castro”, que se manteve ativa em seu catálogo até data recente.

Aliás, nessa fase final do torturado *Crime e castigo* pongettiano, já agora com seus direitos cedidos à Ediouro, a obra foi licenciada para a Biblioteca Folha em 1998, cuja edição trouxe estampado na capa... “Tradução de Luiz Cláudio de Castro”.

9. A última, e um detalhe

Depois dessas digressões e recapitulações, nosso curioso P. retorna aos anos 1930 e 1940. E tenta sintetizar o que já apurou: “Bom, quanto àquela suposta tradução de Fernão Neves, é realmente muito difícil acreditar que tenha existido; a de Câmara Lima é lusitana; a de ‘Petrovitch’ é mera cópia da de Câmara Lima; idem a de ‘Jobinsky’ com seus retoques aurelianos; idem a de retoques rebelianos; a d’O Livro de Bolso é cópia dos disfarces pongettianos em cima de Câmara Lima. Resta ver agora a anônima revista por Elias Davidovich, da Guanabara”.

Se P. ainda tinha alguma cautela em sua hipótese de que Hollywood colaborara para a fortuna de *Crime e castigo* naqueles idos, qualquer dúvida se desfaz com a contracapa da edição da Guanabara:



Guanabara, 1936. Fonte: acervo pessoal.

Já muito prático nessas lides de olhar aqui, olhar ali, comparar e cotejar, P. até suspira de tédio ao ver que a tradução anônima lançada pela Guanabara, “revista por Elias Davidovich”, era a exitosíssima, a crer pela quantidade de apropriações, tradução de Câmara Lima. Davidovich, ao contrário de Pinheiro e Rebelo, não precisou se dar ao trabalho de mudar qualquer vírgula para fazer jus a seus créditos na página de rosto. O texto é tal e qual o de Lima, muito provavelmente usando a edição inalterada da Americana (pois, ao adquirir seu catálogo, a Guanabara naturalmente deve ter adquirido também as respectivas chapas e matrizes tipográficas).

10. Em suma

Depois de tantas voltas, vasculhas e diligências, P. se vê levado a concluir:

1. Até prova em contrário, Fernão Neves nunca traduziu e a Castilho nunca publicou *Crime e castigo*.
2. Ivan Petrovitch foi um nome inventado e utilizado pela Editora Americana para encobrir a cópia integral da tradução lusitana de Câmara Lima.
3. J. Jobinsky foi um nome inventado e utilizado pela Irmãos Pongetti Editores para encobrir a cópia integral da tradução de Câmara Lima, seja diretamente ou, muito mais provavelmente, retomando a edição da Americana e procedendo aqui e ali a alterações mínimas.
4. Todas as traduções anônimas e/ou “revistas por” baseiam-se sem exceção na tradução de Câmara Lima, seja diretamente ou muito mais provavelmente retomando a cópia de “Ivan Petrovitch” pela Americana ou, no caso d’O Livro de Bolso, valendo-se da de “J. Jobinsky” com suas duas revisões pela Pongetti.

Com isso, nosso curioso dá por satisfeita sua curiosidade. Apesar de ter partido de referências tão diversas, mas que se demonstraram insustentáveis, ele agora pode afirmar com toda a segurança dos dados encontrados:

A primeira tradução brasileira de *Crime e castigo* é a de Rosário Fusco, feita a partir do francês, publicada em dois volumes pela Livraria José Olympio Editora, em sua Coleção Fogos Cruzados, na série Obras Completas de Dostoievski, em 1949.

E pensar que Fusco havia feito essa tradução entre 1940 e 1941, levando anos até ser lançada enquanto grassavam aqueles factoides... “Coitados dos leitores”, lamenta nosso amigo.

P., por fim, pode também afirmar seguramente:

Câmara Lima utilizou como base a tradução de Victor Derély (1884) e Rosário Fusco utilizou a de Doussia Ergaz (1931)².

Mas as voltas, vasculhas e diligências que ele fez para chegar a essa segunda conclusão seriam tema para outra conversa.

11. Uma rabeirinha

Sobra um restinho, que é um detalhe na serialização de 1936 na *Gazeta de Notícias*. Tudo bem que, no primeiro dia da serialização, o jornal possa se ter enganado em sua chamada – tradução de Aurélio Pinheiro, autorizada *pela* Pongetti –, vindo logo a substituí-la por tradução *revista por* Aurélio Pinheiro, autorizada *para* a Pongetti.

² Em que pese a afirmação ainda de Broca, mais uma vez vaga e genérica, de que Fusco se teria baseado igualmente em traduções espanholas (BROCA, 1949, p. 15).



Gazeta de Notícias, 22 e 24 de março de 1936. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Quem teria autorizado o quê à Pongetti? Aqui, nosso P. só pode aventar hipóteses. A que lhe parece mais plausível é que, em vista das relações editoriais, comerciais, quicá pessoais entre a Americana, a Pongetti e a Guanabara, com trânsito de catálogo entre elas, a Guanabara teria autorizado a Pongetti a usar sua tradução, que adquirira da Americana. (Isso se, para começo de conversa, a segunda chamada no jornal for expressão da verdade, o que, em se tratando da Pongetti, nunca é muito fácil de saber.)

E claro que todos os envolvidos deviam saber que Petrovitch era mera cobertura, tanto é que preferem esquecê-lo depois de sair da Americana.

O que não se entende bem é por que a Guanabara, geralmente de grande lisura em seus procedimentos, chegou a lançar essa contrafação: vá lá que foi uma edição muito discreta, sem maior divulgação na imprensa, em tradução anônima, e que nunca mais foi reeditada; mas, mesmo assim...

A Pongetti, por sua vez, inicialmente no jornal, também a lançou anônima. Agora, por que terá inventado o tal J. Jobinsky dois meses depois, quando do lançamento de seu volume, é o tipo de questão que já entra num terreno muito mais movediço, flertando com a franca delinquência.

12. Coda

Acrescente-se que a de Rosário Fusco não só foi a primeira, como também permanecerá a única, unicíssima tradução brasileira de *Crime e castigo* até o começo do século XXI.

Isso porque a tradução publicada pela Aguilar em 1963 é portuguesa, feita pela lusitana Natália Nunes (a partir da tradução em espanhol de Rafael Cansinos Assens, de 1935). Somente em 2001a Editora 34, de São Paulo, lançará nova tradução, a primeira feita realmente a partir do original russo: a de Paulo Bezerra.

Em decorrência das conclusões deste artigo, considerem-se retificados os dados referentes a *Crime e castigo*, constantes na *Bibliografia russa traduzida no Brasil (1900-1950)* (BOTTMANN, 2014, p. 63-64).

Referências

BOTTMANN, D. Bibliografia russa traduzida no Brasil (1900-1950). *RUS*, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 58-87, 2014.

BROCA, B. Introdução. In: Dostoiévski, F. *Crime e castigo*, vol. I. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. p. 5-15. Marques Rebelo teria “avançado” na tradução de Araujo Ribeiro. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, p. 3 e 7, 4 ago. 1943.

DOSTOIEWSKY, F. Crime e Castigo. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 30 dez. 1925.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p. 13, 22 mar. 1936.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p. 8, 24 mar. 1936.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p. 7, 10 abr. 1936.

MATA, A. da. Castilho, o veterano. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2^a. seção, p. 2, 12 ago. 1945.

O Castilho. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2^a. seção, p. 2, 6 mai. 1945.

O Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p. 8, 29 out. 1930.

VERISSIMO, E. *Um certo Henrique Bertaso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Recebido em: 22/03/2017

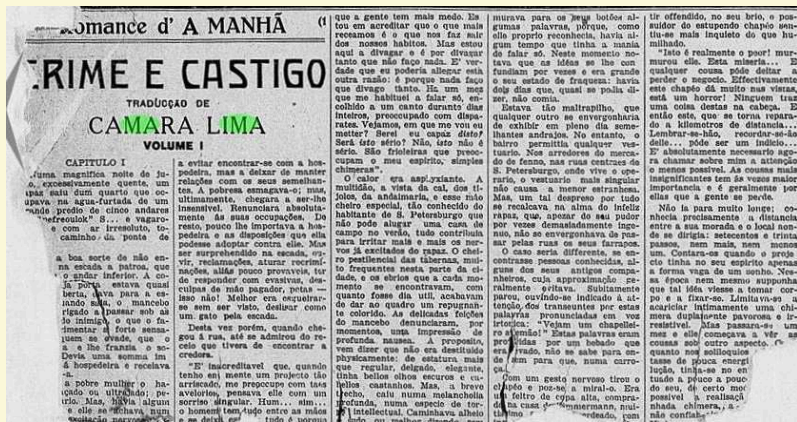
Aceito em: 03/06/2017

Publicado em setembro de 2017

ANEXOS

Um breve cotejo ilustrativo

O calor era asfíxiante. A multidão, a vista da cal, dos tijolos, da andaimaria, e esse mau cheiro especial, tão conhecido do habitante de S. Petersburgo que não pode alugar uma casa de campo no verão, tudo contribuía para irritar mais e mais os nervos já excitados do rapaz. O cheiro pestilencial das tabernas, muito frequentes nesta parte da cidade, e os ébrios que a cada momento se encontravam, conquanto fosse dia útil, acabavam de dar ao quadro um repugnante colorido. As delicadas feições do mancebo denunciaram, por momentos, uma impressão de profunda náusea. A propósito vem dizer que não era destituído fisicamente: de estatura mais que regular, delgado, elegante, tinha belos olhos escuros e cabelos castanhos. Mas, a breve trecho, caiu numa melancolia profunda, numa espécie de torpor intelectual. Caminhava alheio a tudo, ou melhor dizendo, sem querer atender a cousa alguma. De longe em longe, apenas, murmurava para os seus botões algumas palavras, porque, como ele próprio reconhecia, havia algum tempo que tinha a mania de falar só. Neste momento notava que as ideias se lhe confundiam por vezes e era grande o seu estado de fraqueza: havia dois dias que, quase se podia dizer, não comia. [Câmara Lima, 1901; *A Manhã*, 1925]



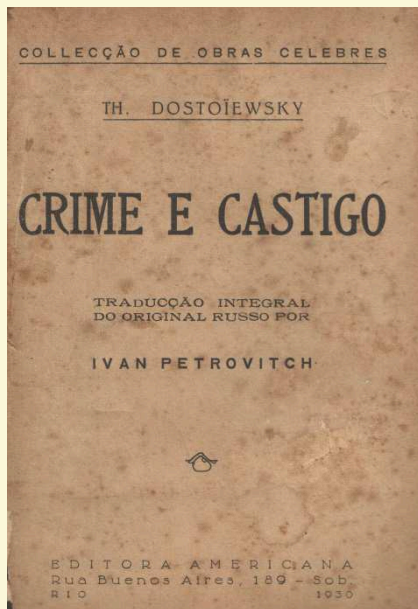
A Manhã, 30 de dezembro de 1925. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O calor era asfíxiante. A multidão, a vista da cal, dos tijolos, da andaimaria, e esse mau cheiro especial, tudo conhecido do habitante de S. Petersburgo que não pode alugar uma casa de campo no verão, tudo contribuía para irritar mais e mais os seus nervos já excitados do rapaz. O cheiro pestilencial das tabernas, muito frequentes nesta parte da cidade, e os ébrios que a cada momento se encontravam, conquanto fosse dia útil, acabavam de dar ao quadro um repugnante colorido. As delgadas feições do mancebo denunciavam, por momentos, uma impressão de profunda náusea. A propósito vem dizer que não era destituído fisicamente: de estatura mais que regular, delgado, elegante, tinha bellos olhos escuros e cabellos castanhos. Mas, a breve trecho, caiu numa melancolia profunda, numa espécie de torpor intelectual. Caminhava alheio a tudo, ou melhor dizendo, sem querer atender a cousa alguma. De longe em longe, apenas, murmurava para os seus botões algumas palavras, porque, como ele próprio reconhecia, havia algum tempo que tinha a mania de falar só. Neste momento notava que as ideias se lhe confundiam por vezes e era grande o seu estado de fraqueza: havia dois dias que, quasi se podia dizer, não comia.

Estava tão maltratado, que qualquer outro se enverghuaria de chibir em pleno dia escuro e frio de inverno, nas ruas centrais de S. Petersburgo, onde vive o rapaz, o vestuário mais singular não causava a menor estranheza. Mas, um tal desprezo por tudo se recolhava na alma do intelectual, que, apesar do seu paor por vezes desamalgamado incansável pelas ruas e seus farraços.

O caso seria diferente, se encontrasse pessoas conhecidas, alguma das seus antigos companheiros, cuja aproximação, geralmente o irritava. Subitamente parava, confuso e indocado a aflicção, dos transeantes por estas palavras pronunciadas em voz alta: "Vejam um chapéu de mulher!" Estas palavras eram dirigidas por bobagem ao seu irmão, não se sabe para onde, mas para que, nunca corrigido.

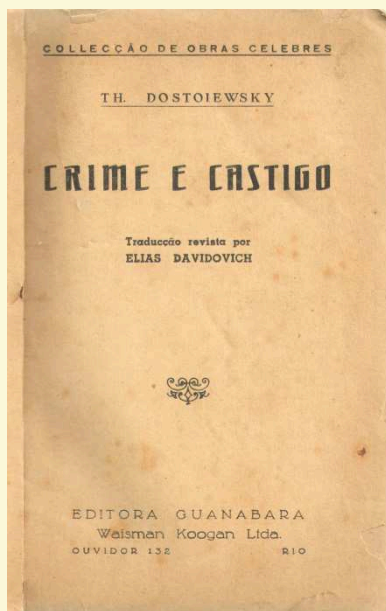
Com um gesto nervoso tirou o chapéu e pôs-o a malal-o. Era o fecho de copas alto, comprido e com o "miserere", muito usado, com



Americana, 1930. Fonte: acervo pessoal.

O calor era asfíxiante. A multidão, a vista da cal, dos tijolos, da andaimaria, e esse mau cheiro especial, tão conhecido do habitante de S. Petersburgo que não pode alugar uma casa de campo no verão, tudo contribuía para irritar mais e mais os nervos já excitados do rapaz. O cheiro pestilencial das tabernas, muito frequentes nesta parte da cidade, e os ébrios que a cada momento se encontravam, conquanto fosse dia útil, acabavam de dar ao quadro um repugnante colorido. As delicadas feições do mancebo denunciaram, por momentos, uma impressão de profunda náusea. A propósito vem dizer que não era destituído fisicamente: de estatura mais que regular, delgado, elegante, tinha belos olhos escuros e cabelos castanhos. Mas, a breve trecho, caiu numa melancolia profunda, numa espécie de torpor intelectual. Caminhava alheio a tudo, ou melhor dizendo, sem querer atender a coisa alguma. De longe em longe, apenas, murmurava para os seus botões algumas palavras, porque,

como ele próprio reconhecia, havia algum tempo que tinha a mania de falar só. Neste momento notava que as ideias se lhe confundiam por vezes e era grande o seu estado de fraqueza: havia dois dias que, quase se podia dizer, não comia (anônima, revista por Elias Davidovich, 1936, p. 6).



Guanabara, 1936. Fonte: acervo pessoal.

O calor era insuportável. A turba-multa, à vista da cal, dos tijolos, da andaimaria, e esse mau cheiro característico, conhecidíssimo do habitante de S. Petersburgo que não pode abalar para o campo, no verão, tudo concorria para superexcitar os nervos do jovem. A fetidez tremenda das tavernas, numerosas nessa parte da cidade, e os ébrios com que topávamos a cada passo, conquanto fosse dia útil, completavam o colorido repugnante do quadro. As finas feições do moço acusaram, por instantes, uma impressão de intensa náusea.

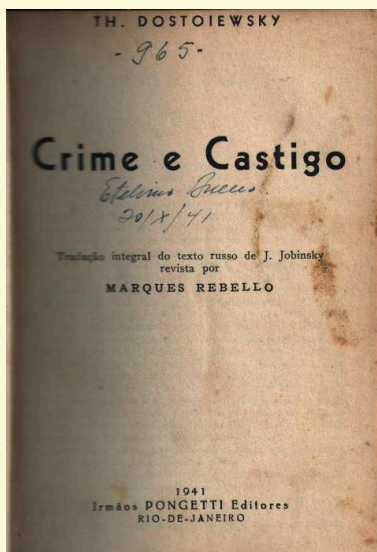
A propósito cumpre dizer que ele não era mal dotado fisicamente: de estatura um pouco acima da mediana, esbelto, elegante, possuía bonitos olhos escuros e cabelos castanhos. Mas, a breve trecho, mergulhou numa melancolia profunda, numa espécie de torpor intelectual. Seguia alheio a tudo, ou melhor dizendo, sem querer atender a coisa alguma. De quando em quando murmurava para os seus botões algumas palavras, porque, como ele mesmo reconhecia, havia algum tempo que andava com a mania dos solilóquios. Neste momento, notava que as ideias se lhe baralhavam por vezes e era grande o seu estado de fraqueza: havia dois dias que, quase se podia dizer, não se alimentava (“J. Jobinsky”, revista por Aurélio Pinheiro, 1936).

<p>O calor era insupportavel. A turba-multa, à vista da cal, dos tijolos, da andaimaria, e esse mau cheiro característico, conhecidissimo do habitante de S. Petersburgo que não pôde abalar para o campo, no verão, tudo concorria para super-excitar os nervos do jovem. A fetidez tremenda das tavernas, numerosas nessa parte da cidade, e os ebrios com que topávamos a cada passo, conquanto fosse dia útil, completavam o colorido repugnante do quadro. As finas feições do moço accusaram, por instantes, uma impressão de intensa náusea. A propósito cumpre dizer que elle não era mal dotado physicamente: de estatura um pouco acima da mediana, esbelto, elegante, possuia bonitos olhos escuros e cabellos castanhos. Mas, a breve trecho, mergulhou numa melancolia profunda, numa especie de torpor intellectual. Seguia alheio a tudo, ou melhor dizendo, sem querer attender a coisa alguma. De quando em quando murmurava para os seus botões algumas palavras, porque, como elle mesmo reconhecia, havia algum tempo que andava com a mania dos soliloquios. Neste momen-</p>	 <p>S O N U A...</p> <p>to, notava que as idéas se lhe baralhavam por vezes e era grande o seu estado de fraqueza: havia dois dias que, quasi se podia dizer, não se alimentava.</p> <p>Estava de tal modo andrajoso, que qualquer outro se vexaria de exhibir em pleno dia semelhantes farrapos. No entanto, o bairro permitia qualquer indumentaria. Nas immedições do mercado de feno, nas ruas contraes de São Petersburgo, onde vive o operariado, o vestuario mais singular não causa a menor extrapheza. Mas um tal desdem por tudo se reflectava na alma do infeliz ra-</p>
--	--

Gazeta de Notícias, 22 de março de 1936. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

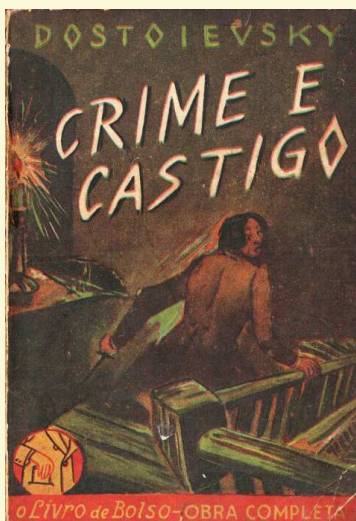
O calor era insuportável. A turba-multa, à vista da cal, dos tijolos, da andaimaria, e esse mau cheiro característico, conhecidíssimo

do habitante de S. Petersburgo que não pode fugir para o campo, no verão, tudo concorria para superexcitar os nervos do jovem. O fedor tremendo das tavernas, numerosas nessa parte da cidade, e os ébrios com que topávamos a cada passo, conquanto fosse dia útil, completavam o colorido repugnante do quadro. As feições finas do moço acusaram, por instantes, uma impressão de intensa náusea. A propósito cumpre dizer que ele não era mal dotado fisicamente: de estatura um pouca [sic] acima da mediana, esbelto, elegante, possuía bonitos olhos escuros e cabelos castanhos. Mas, a breve trecho, mergulhou numa melancolia profunda, numa espécie de torpor intelectual. Seguia alheio a tudo, ou melhor, sem querer atender a coisa alguma. De quando em quando murmurava para os seus botões algumas palavras, porque, como ele mesmo reconhecia, havia algum tempo que andava com a mania dos solilóquios. Neste momento, notava que as ideias se lhe baralhavam por vezes e era grande o seu estado de fraqueza: havia dois dias que, quase se podia dizer, não se alimentava (“J. Jobinsky”, revista por Marques Rebelo, 1941, p. 6).



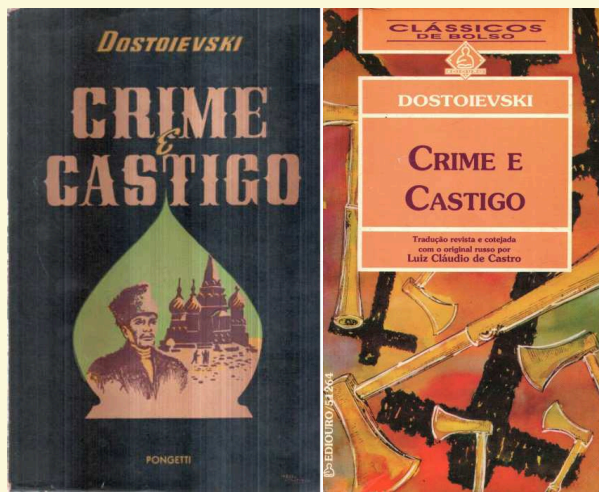
Irmãos Pongetti, 1941. Fonte: acervo pessoal.

O calor era asfixiante. A multidão, à vista da cal, dos tijolos, da andaimaria, e esse mau cheiro característico, conhecidíssimo do habitante de S. Petersburgo que não pode fugir para o campo, no verão, tudo concorria para superexcitar os nervos do rapaz. O fedor tremendo das tabernas, numerosas nessa parte da cidade, e os ébrios que a cada momento se encontravam, conquanto fosse dia útil, completavam o colorido repugnante do quadro. As feições delicadas do moço acusaram, por instantes, uma impressão de intensa náusea. A propósito cumpre dizer que ele não era mal dotado fisicamente: de estatura pouca [sic] acima da mediana, esbelto, elegante, possuía bonitos olhos escuros e cabelos castanhos. Mas, a breve trecho, mergulhou numa melancolia profunda, numa espécie de torpor intelectual. Caminhava alheio a tudo, ou melhor, sem querer atender a coisa alguma. De quando em quando murmurava para os seus botões algumas palavras, porque, como ele mesmo reconhecia, havia algum tempo que andava com a mania dos solilóquios. Neste momento, notava que as ideias se lhe baralhavam por vezes e era grande o seu estado de fraqueza: havia dois dias que, quase se podia dizer, não se alimentava (anônima, 1941; 2^a. ed. 1943, p. 8).



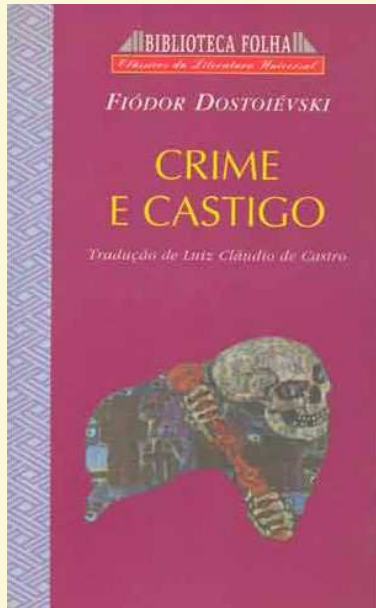
O Livro de Bolso, 1943. Fonte: acervo pessoal.

O calor era insuportável. A turbamulta, a vista da cal, dos tijolos, da argamassa, e esse mau cheiro característico, conhecidíssimo do habitante de São Petersburgo que não pode fugir para o campo, no verão, tudo concorria para superexcitar os nervos do jovem. O fedor tremendo das tavernas, numerosas nessa parte da cidade, e os ébrios com que topava a cada passo, conquanto fosse dia útil, completavam o colorido repugnante do quadro. As feições finas do moço acusavam, por instantes, uma impressão de intensa náusea. A propósito cumpre dizer que ele não era mal dotado fisicamente: de estatura um pouco acima da mediana, esbelto, elegante, possuía bonitos olhos escuros e cabelos castanhos. Mas, a breve trecho, mergulhou numa melancolia profunda, numa espécie de torpor intelectual. Seguia alheio a tudo, ou melhor sem querer atender a coisa alguma. De quando em quando murmurava para os seus botões algumas palavras, porque, como ele mesmo reconhecia, havia algum tempo que andava com a mania dos solilóquios. Neste momento, notava que as ideias se lhe baralhavam por vezes e era grande o seu estado de fraqueza: havia dois dias que, quase se podia dizer, não se alimentava (anônima, revista por Luiz Cláudio de Castro, 1960; 8^a. ed., 1996, p. 9-10).



Irmãos Pongetti, 1960; Ediouro, 1996. Fonte: livrarias virtuais e acervo pessoal.

E a consumação na Biblioteca Folha:



Biblioteca Folha, 1998. Fonte: livrarias virtuais.